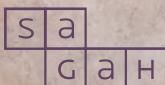


EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO

Daysi Batista Pail



SOLUÇÕES
EDUCACIONAIS
INTEGRADAS

Comunicação, expressão e diversidade linguística

Objetivos de aprendizagem

Ao final deste texto, você deve apresentar os seguintes aprendizados:

- Reconhecer as variações da expressão linguística.
- Identificar os aspectos que diferenciam os modos de utilizar a língua.
- Comparar os contextos de produção e circulação dos textos.

Introdução

Neste capítulo, você estudará como as línguas apresentam variações, isto é, diferentes formas de falar, de utilizá-las, e verá que o passar do tempo provoca mudanças nestas, mas não sozinho, uma vez que o contato com outras línguas também influenciará essas variações. Esse princípio está relacionado à existência de diferentes línguas, mas é não restrito a isso. Uma mesma língua terá diferentes grupos, os quais terão variadas características linguísticas que os ligam e os separam, como o dialeto paulista, carioca, mineiro, gaúcho, entre outro. Além disso, haverá grupos dentro de grupos, como os formados de acordo com a idade, o gênero, a profissão.

Você também estudará que uma língua, como o português, tem duas modalidades, isto é, duas formas de realização: por meio da oralidade (fala) ou da escrita. Estas funcionam como um conjunto, às vezes até mesmo sendo amalgamadas no uso.

Entre variação linguística, modalidade e níveis de fala (variação de registro), é importante a adequação linguística, em que se escolhe qual norma (variedade linguística), qual modalidade (e se é preciso uma apenas) e qual nível de fala melhor atende aos objetivos da comunicação e ao contexto comunicativo.

Variação linguística

Uma **língua viva** sempre apresenta variações. Isso significa que, enquanto uma língua tiver falantes nativos, ela será **dinâmica e heterogênea** (FARACO, 2008). Com o passar do **tempo**, ela passará por mudanças e, se estas forem grandes demais, pode até se tornar uma outra língua, ou outras, como aconteceu, por exemplo, com o Latim e as línguas românicas que dele se originaram. Se você ler um texto de épocas passadas, poderá encontrar diferenças, tais como aquelas encontradas em palavras, expressões, até mesmo na estrutura (para exemplos ver textos de romances do período Realista ou Naturalista, como os de Machado de Assis e Aluísio de Azevedo). Essa diferença pode ser observada também entre falantes de diferentes gerações.

A língua também é influenciada pelo **espaço**. Pense em um lago e em atingir sua superfície atirando várias pedras. Cada uma delas gerará ondulações e, em alguns pontos, irão se encontrar e se afetarumas às outras. Com a língua ocorre um fenômeno análogo, zonas próximas apresentam maior similaridade e são reconhecidas e diferenciadas, porém, conforme se afastam, as diferenças vão se tornando maiores, devido à experiência dos falantes, assim como a influência de outras comunidades linguísticas, de outras línguas. Nesse aspecto, o processo de colonização, imigração e migração, assim como a presença de diferentes tribos autóctones, tem fortes consequências. É possível observar a distância entre as diferentes regiões do país, e, até mesmo, dentro dos estados. Outra grande variável que se pode elencar é quanto ao **indivíduo**. Nesta, é possível identificar a influência do lugar onde o indivíduo cresceu, seu grau de contato com a cultura letrada, seu círculo social (mais informal, menos informal, entre outros). Esse âmbito é o que permite a identificação de estilo de um indivíduo inserido em uma comunidade linguística, ou seja, o que o distingue linguisticamente (ainda que não exclusivamente).



Fique atento

Comunidade linguística é um agrupamento de falantes que têm características linguísticas em comum (BELINE, 2014).

Qualquer **língua** que ainda seja **natural** (diferentemente de línguas artificiais, como *Klingon* e *Dothraki*) tem variação, isto é, varia no tempo e no espaço (objeto de estudo da sociolinguística variacionista) e também de um indivíduo para outro, modificando-se até quando utilizada por um mesmo indivíduo em diferentes situações (objeto de estudo da sociolinguística interacional). Linguisticamente, não há uma variedade linguística melhor, mais bonita ou mais desenvolvida do que outra. Qualquer que seja a variedade, ela será igualmente válida, rica e desenvolvida. A valorização de uma em detrimento de outra é social, isto é, a sociedade (ou parte dela) que classifica uma variedade positiva ou negativamente.

Algumas variedades são estigmatizadas, como, por exemplo, as do interior dos estados em relação às das regiões metropolitanas, as de classes sociais menos prestigiadas e menos escolarizadas em relação às mais prestigiadas e mais escolarizadas (BAGNO, 1999; FARACO, 2008; GÖRSKI; COELHO, 2009). É comum, com essa postura, encontrar afirmações como: “eu não sei português”, “fala feio”, “antes de aprender inglês, francês, tinha que aprender português”, “matou a língua portuguesa”; todas com relação a falantes nativos. Ao dizer isso, a pessoa expõe desconhecimento sobre a realidade linguística e também sobre o **preconceito linguístico**. De acordo com Görski e Coelho (2009, p. 82), “[...] muitas pessoas acham que falar uma variedade diferente da variedade padrão é um problema sério para a sociedade, uma manifestação de inferioridade. Sempre que isso acontece, a língua se torna um veículo de preconceitos e exclusões.”

Segundo Faraco (2008), todas as variedades linguísticas têm uma própria **norma**, isto é, um conjunto de características que lhes são **normais**, envolvendo aspectos fonéticos (identificados no sotaque), lexicais, semânticos, sintáticos

e, às vezes, até pragmáticos. Contudo, saindo do âmbito linguístico, norma é entendida como um conjunto de regras que normatizam a forma como os falantes deveriam utilizar a língua. Esse tipo é chamado pelo autor de **norma padrão**, um “ideal” **artificial** que, apesar de defendido, nenhum falante utiliza de fato (é aquela encontrada nas gramáticas mais tradicionais, normativas e não linguísticas). Para ele, a norma associada aos grupos mais escolarizados é a **norma culta**. Essa seria comum aos falantes de áreas urbanas em situações mais formais, principalmente na escrita, e seria balizada pela **linguagem urbana comum**.

Modalidades da língua

Além da variação que as línguas apresentam, elas também podem ter mais de uma **modalidade**. A língua portuguesa, por exemplo, apresenta as modalidades **oral** e **escrita**, mas nem todas as línguas são assim. Algumas apresentam apenas a modalidade oral, sendo denominadas **ágrafas**.

A modalidade oral, sempre primeira com relação à escrita, sofre e aceita mudanças muito mais rapidamente. Ela é mais dinâmica, seja por ser mais propensa à variação e à mudança, seja por causa do “jogo” comunicativo como palco e fonte. Ela influencia as mudanças na modalidade escrita, que, por sua vez, tem o poder de “frear” a modalidade oral. Com o advento da imprensa, esse poder foi intensificado. Entretanto, a modalidade escrita continua sendo uma representação da oral, dependendo de convenções para sua inteligibilidade (como ortografia e uso do mesmo alfabeto), bem como para questões políticas.



Fique atento

A **Língua Brasileira de Sinais** (LIBRAS) é, como o nome diz, uma língua, e não uma modalidade da língua portuguesa. A LIBRAS apresenta, como qualquer outra língua, os sistemas fonológico (em sentido um pouco diferente), morfológico, sintático e semântico. Além disso, ela é uma língua natural e, consequentemente, também apresenta variação.

Apesar de a modalidade oral ser mais identificada em registros mais informais, ela também ocorre em situações mais formais. Da mesma forma, a modalidade escrita, que é mais identificada em registros formais, ocorre em situações mais informais. Assim, uma conversa de texto por aplicativos e redes sociais irá se aproximar mais da oralidade, ao passo que uma palestra acadêmica, da escrita. Essa identificação advém de a oralidade permitir a realização da comunicação linguística de modo mais natural, menos rígido e menos regrada quando comparada com a escrita, principalmente quando se desconsidera a mudança que a cultura digital trouxe. Antes, por exemplo, não era considerado diálogo uma conversa que não fosse feita pessoalmente ou por telefone, entretanto, com a mudança de paradigma causada pela cultura digital, é contrassenso não considerar como diálogo as conversas por aplicativos, como Whatsapp, Messenger, entre outros.

Desconsiderando-se um pouco o paradigma da cultura digital, qualquer produção, seja oral ou escrita, tem uma audiência (um destinatário) real ou imaginário. Algumas manifestações permitem uma interação maior entre os envolvidos, que, então, intercalam-se no papel de locutor e interlocutor. Na modalidade oral, quanto mais informal for a situação, mais interrupções e sobreposições serão possíveis. Além disso, é comum mudanças de estilo estrutural, sentenças incompletas na oralidade, que, na escrita, tornam-se difíceis de compreender. A escrita, enquanto representação da fala, apresenta menor possibilidade de interferência, mas permite que se pense, planeje e revise o texto antes de liberá-lo.

Adequação linguística

No âmbito acadêmico e profissional, você terá de lidar com situações que exigirão uma ou outra modalidade (ou até as duas, em conjunto). Seja qual for a modalidade a ser usada e em qual situação, a adequação linguística será fundamental. O uso da língua por um falante é sempre influenciado por uma série de fatores, alguns dos quais foram mencionados anteriormente. Em certas situações, é esperado o uso de um nível de fala mais formal, assim como uma determinada norma, como a culta, ao passo que, em outras, ocorre o oposto. Essas escolhas seriam feitas tendo em vista um fim comunicativo, em outras palavras, como atingir da melhor forma um objetivo (ou uma série deles). Quanto a isso, até mesmo a escolha por não seguir o que se esperaria pode ser um meio de conseguir sucesso.



Fique atento

Tipos de variação

Variação diatópica é aquela que ocorre em decorrência da região, por exemplo: jerimum *versus* abóbora, mexerica *versus* bergamota, rótico velar (“erre” forte — comum no Rio Grande do Sul) *versus* rótico uvular (“erre” forte, caipira — comum no interior paulista), etc.

Variação diastrática é aquela comum a estratos sociais, por exemplo: classes mais ou menos prestigiadas, advogados, influenciadores digitais (que ainda varia de acordo com o campo de interesse), etc.

Variação diafásica é aquela que ocorre em função do contexto comunicativo, por exemplo: mais ou menos informal, mais ou menos afetiva, mais ou menos técnica, etc.

Variação de registro é um tipo de variação diafásica e diz respeito ao nível de formalidade ou de informalidade.

Para ler mais sobre alguns exemplos de variação linguística, acesse o *link* a seguir.

<https://goo.gl/3e1QYK>

A experiência permite que o falante force os limites entre normas e entre níveis de fala, do mais formal ao mais coloquial. Entretanto, quando ainda não se tem essa experiência, algumas orientações se tornam úteis. Algumas são mais ou menos assumidas como instintivas, outras já seguem certos padrões estabelecidos (por exemplo, por gêneros textuais ou por contexto comunicativo).

O meio acadêmico apresenta uma grande variação de contextos comunicativos, de conversas informais com amigos a produções formais, como tese de doutorado e respectiva defesa oral. Considerando-se os textos e discursos comuns a esse meio, alguns permitirão uma linguagem coloquial, enquanto outros, não, de uma linguagem urbana comum à norma culta. No Quadro 1, são apresentados alguns gêneros textuais, uma breve definição e a linguagem esperada.

Quadro 1. Gênero textuais e níveis de linguagem

Gênero textual	Caracterização	Linguagem
Memorial	Do tipo acadêmico, é uma apresentação textual da trajetória acadêmica de uma pessoa de modo mais detalhado do que o currículo (que apresenta os dados através de tópicos).	Norma culta.
Resumo	Apresenta as principais ideias de um outro texto ou trabalho, de modo conciso, objetivo, coeso e coerente.	A linguagem tende a seguir o estilo do original, porém, do acadêmico, espera-se a norma culta.
Entrevista	É um diálogo a princípio planejado, pois pelo menos uma das partes terá se preparado. Consiste em perguntas feitas a um entrevistado. Ela pode ser feita inteiramente de forma oral, mista (quando as perguntas são passadas por escrito para que o entrevistado possa se preparar, ou quando é transcrita) ou escrita.	A linguagem será determinada pelo contexto, mais informal ou mais formal. Em contexto acadêmico, é comum a entrevista de teóricos e pesquisadores, e, nesse caso, a linguagem será mais formal.
Manifesto	É um texto em que um grupo de pessoas ou entidades expressam sua opinião sobre uma situação-problema.	A linguagem pode apresentar uma formalidade maior, por meio do uso da norma culta, ou um pouco menos formal, por meio da linguagem urbana comum.

(Continua)

(Continuação)

Quadro 1. Gênero textuais e níveis de linguagem

Gênero textual	Caracterização	Linguagem
Ensaio	Consiste em um texto argumentativo acerca de um assunto.	Norma culta.
Procuração	É um documento legal em que uma pessoa dá à outra o poder para tomar decisões, cuidar de propriedades ou negócios no seu lugar.	Linguagem mais formal, preferência da norma culta.
Editorial	É um texto argumentativo que expressa a posição de um jornal ou revista sobre um assunto.	Linguagem mais formal, podendo apresentar elementos coloquiais, bem como se manter na norma culta.
Edital	É um documento público que visa a comunicar, informar, convocar sobre determinado assunto. É comum em concursos, informando regras, requisitos, datas.	Norma culta.
Certificado	É um documento comprobatório acerca da participação de alguém em algum evento ou acerca da verdade sobre algo.	Norma culta.
Ata	É um registro resumido do que foi discutido ou tratado em uma reunião, assembleia, sessão.	Linguagem mais formal, preferência da norma culta.



Referências

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014. v. 1.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. *Working Papers em Linguística*, v. 10, n. 1, p. 73-91, fev. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2009v10n1p73/12022>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

Leituras recomendadas

FIORAVANTI, C. "R" caipira é invenção dos brasileiros, conclui estudo linguístico. *Rivista Pesquisa Fapesp*, abr. 2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2015/04/12/em-200-anos-teremos-dificuldades-para-nos-comunicar-com-portugueses.htm>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

MESAN, L. Jornal Hoje — Sotaques do Brasil mostra os jeitos diferentes de falar brasileiro. *Youtube*, jul. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HwHfkuRCfcI&feature=youtu.be>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

Encerra aqui o trecho do livro disponibilizado para esta Unidade de Aprendizagem. Na Biblioteca Virtual da Instituição, você encontra a obra na íntegra.

Conteúdo:



SOLUÇÕES
EDUCACIONAIS
INTEGRADAS